



REDE  
TEMPO  
BRASIL



UNIVERSIDADE  
DE PERNAMBUCO

Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## Instituto Cultural do Cariri, Natureza e Potencialidades Econômicas Do Sul Cearense Entre As Décadas De 1950-1970

Jane Semeão<sup>I</sup>

**Resumo:** O artigo aqui apresentado acompanha a atuação dos agentes do Instituto Cultural do Cariri na discussão sobre o aproveitamento dos recursos naturais como fator de recuperação econômica do Cariri entre os anos 1950 e 1970. A partir de trabalhos publicados em jornais, livros e revistas que discutem formas de superação da estagnação econômica, de desenvolvimento e valorização da região caririense, que tinham como temática central a atividade agrícola, analisa-se o enquadramento da natureza aos interesses econômicos vinculados às imagens de natureza “edênica” e de “oásis”.

**Palavras-chave:** Instituto Cultural do Cariri; Natureza; Cariri.

## Instituto Cultural de Cariri, Naturaleza y potencial económico del sur de Ceará entre las décadas de 1950-1970

**Resumen:** El artículo que aquí se presenta sigue las acciones de los agentes del Instituto Cultural de Cariri en la discusión sobre el uso de los recursos naturales como factor de recuperación económica de Cariri entre las décadas de 1950 y 1970. Basado en trabajos publicados en periódicos, libros y revistas que discuten formas de superación del estancamiento económico, desarrollo y valorización de la región del Cariri, que tuvo como tema central la actividad agrícola, se analiza el entramado de la naturaleza con intereses económicos ligados a imágenes de naturaleza “edénica” y “oasis”.

**Palabras clave:** Instituto Cultural do Cariri; Naturaleza; Cariri.

### Introdução

No ano de 1953, na cidade do Crato, localizada no sul cearense, foi inaugurado o Instituto Cultural do Cariri<sup>II</sup>, fruto da ação de representantes da elite local com o objetivo de trabalhar pela valorização e progresso do Cariri. Para tal empreitada, alinharam interesses políticos, materiais e o sentimento afirmado de “amor à terra” para promoção do “alevantamento moral, intelectual e material da região” – conforme anunciado em suas plataformas de ação. Com esse intuito, seus idealizadores mobilizaram intelectuais e outros membros de destaque da sociedade caririense, em especial cratenses, para que, a partir de suas especialidades, atuassem em favor do progresso e “valorização” do Cariri cearense. Foi com esse fim que, além de outras estratégias de promoção e luta pelo “engrandecimento” da região, a natureza foi apropriada e convertida em elemento de redenção para a região.

## INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

A imagem do meio físico ubérrimo e de vegetação luxuriante, por exemplo, esteve presente, em maior ou menor grau, nas produções dos agentes do ICC que, orientados pelo programa político-cultural do Instituto e por uma realidade sensível herdada de seus antecessores, (re)incorporaram aspectos da realidade natural do Cariri na invenção da região. Nesse sentido, a ideia de oásis e paraíso terreal foram norteadores culturais constantes em seu enquadramento, assumindo funções diversas nos discursos desses autores, entre elas a de capital simbólico nas negociações com os governos para obtenção de recursos financeiros e investimentos para o sul cearense; a de elemento contrastivo e denunciativo do abandono historicamente sofrido pelas administrações centrais, resultando na antítese entre “pujança da natureza”, estagnação econômica e precariedade das condições de vida de grande parte da população<sup>III</sup>; e a de horizonte de expectativa, ou seja, esperança de redenção futura da região através do aproveitamento racional de seus recursos naturais.

A superação do atraso econômico do sul cearense esteve na pauta das preocupações e ações dos agentes do ICC desde as tratativas para sua implementação. O envolvimento na luta e discussão pela industrialização, mecanização e diversificação da agricultura caririense e criação de infraestrutura que viabilizasse sua recuperação econômica, como a eletrificação, ampliação e melhoria das estradas da região, exemplificam o engajamento político de seus membros no espaço público. Em “seu exercício intelectual como atitude política”<sup>IV</sup>, seus membros tanto retomavam demandas e soluções antigas quanto incorporavam ao projeto de modernização do Cariri outras possibilidades que contribuíssem para seu “alevramento material” ou, em outras palavras, seu desenvolvimento.

Entre as propostas defendidas entre os anos 1950 e 1970, as que envolviam o melhoramento e exploração das condições naturais da região ocuparam posição de destaque nos investimentos políticos dos sócios do ICC. Nesse aspecto, o sentido edênico conferido à natureza e paisagem caririense vinculava-se à utopia da redenção do homem na terra prometida, em que o mundo natural, incorporado ao racionalismo científico-tecnológico, convertia-se em sonho de soerguimento da região. Afinal, como disse José de Figueiredo Filho, “o homem é assim. Para ele, há um Éden no passado e outro Canaã nos tempos porvindouros. Tivemos idade de ouro no pretérito, vivemos mal no presente e esperamos sempre a redenção terrena no futuro”.<sup>V</sup>

Era necessário, portanto, fazer a terra progredir, aliando esforço humano e avanço técnico. Assim, além do tema da industrialização, que ganhou fôlego com a eletrificação da região via hidrelétrica de Paulo Afonso e com o Projeto Morris Asimow de princípios dos anos 1960<sup>VI</sup>, a racionalização da atividade agrícola também ocupou amplo espaço nas preocupações do ICC e nos periódicos locais. Este artigo, portanto, analisa a participação dos membros da agremiação na discussão sobre o aproveitamento dos recursos naturais como fator de recuperação econômica para o Cariri, com destaque para as atividades rurais.

### **“A terra não nega recursos ao homem que a trata com carinho e com trabalho”<sup>VII</sup>: agricultura, natureza e desenvolvimento econômico do sul cearense**

É necessário observar, inicialmente, que o debate em torno da modernização das técnicas de plantio e da mecanização da agricultura como saída para as dificuldades enfrentadas na produção de alimentos e como fator de desenvolvimento econômico, era anterior à criação do ICC, como pode ser observado em alguns periódicos de fins dos anos 1940.

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

Em artigo divulgado na primeira página do jornal *A Classe*, intitulado “A Agricultura no Cariri”, seu autor, mais tarde sócio do ICC, argumentava que este era um “problema por resolver”, pois o “sistema rudimentar da lavoura, já condenada há anos por Euclides da Cunha, não mais produz o suficiente para a manutenção do povo[...]”. Atribuía, então, essa situação, que ele classificou como “fase negra de nossa lavoura”, à ignorância dos agricultores e à falta de recursos para melhorar os métodos de plantio afirmando, em seguida, que “só a lavoura mecanizada pode solucionar o problema do braço preguiçoso e do solo já por demais explorado”. Ao final, e em tom profético, dizia não ser “bem pensado” que se condenasse “ao empobrecimento completo uma zona tão fértil e propícia à agricultura. Não se mecanizem os métodos de laborar o solo no Cariri que inevitável será a catástrofe de nossa agricultura e o desfalecimento de nossas condições sociais e econômicas”.<sup>VIII</sup>

Não é possível mapear em que momento exato essa solução pautou as preocupações e reivindicações dos caririenses junto aos governos centrais, haja vista a descontinuidade e, em alguns casos, o não arquivamento dos impressos que circularam na região, na primeira década do século XX. Mas, é possível presumir que o anúncio da construção da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), em 1945, medida considerada como a “redenção do nordeste brasileiro”, e os próprios problemas enfrentados na produção agrícola da região colocaram em pauta a discussão sobre a importância da modernização deste setor econômico. O fato é que essa questão atravessou as décadas seguintes, indicando a dificuldade de superação dos problemas econômicos do Cariri, estimulando a permanência das elites na arena pública em busca de soluções para a promoção do desenvolvimento regional que, em grande medida, dizia respeito aos seus próprios interesses.

Algumas iniciativas nesse sentido ganharam forte repercussão, como os seminários “para o desenvolvimento do sul do Ceará” e os “Estudos Caririenses” que tiveram, entre seus organizadores, o ICC. Nesses eventos, a abordagem da “realidade caririense” e o enfrentamento dos obstáculos que travancavam o progresso da região foram as razões para suas realizações. Dessa forma, por exemplo, se, no “I Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará” (1961), o objetivo era “preparar a comunidade para a chegada da energia de Paulo Afonso que viria trazer possibilidades de industrialização”, no II Seminário (1976), a intenção era “examinar, com a orientação dos diversos órgãos de desenvolvimento, a viabilidade de novas oportunidades industriais e agrícolas”.<sup>IX</sup>

Em todos esses seminários, e com o agravamento da “crise canavieira”, o principal entrave ao crescimento econômico da região a ser resolvido era o agrícola – aspecto central do artigo de Antônio Alencar Araripe, em balanço sobre os resultados do primeiro seminário para o desenvolvimento do Cariri, em que perguntou: “No tocante à agricultura, por exemplo, ainda estamos a indagar: onde se acham as medidas atinentes ao aumento da produção agrícola, defesa sanitária, vegetal, ensino, extensão e pesquisa agrícola, cartografia, conservação, adubação e mecanização da lavoura?”.<sup>X</sup>

O fracasso do Projeto Morris Asimow, em que se apontou como um dos motivos o fato de ter sido implantado um modelo de indústria que não levou em consideração as particularidades locais<sup>XI</sup>, frustração que repercutiu por vários anos, fortaleceu a ideia de que da “terra nos vem a riqueza”.<sup>XII</sup> Nesse aspecto, ganhou robustez a imagem da região como sendo, tradicionalmente, agrícola e de sua natureza como a grande potencialidade econômica do Cariri:

*Estudos têm evidenciado ser o Cariri uma das mais ricas parcelas do território cearense, senão de todo o interior nordestino. Apresenta a região características*

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

*bem definidas, favorecidas por uma pluviometria das mais regulares, alcançando a média anual de 1.000mm em Crato e Barbalha. Em face de tão privilegiada dádiva da natureza, a diminuição das colheitas por falta de chuvas no tempo oportuno reduz-se, em Crato, a 12% contra 32% em outros municípios do sertão circundante. Para suprir a eventualidade de possíveis irregularidades climáticas, dispõe ainda a região, afora o recurso da açudagem, de um lençol freático abundante e superficial. Grande área de terras planas, de aluvião profundo e facilmente irrigáveis, completam o quadro promissor da potencialidade econômica desta parte do Ceará.<sup>XIII</sup>*

Como pode ser observado, Jósio Alencar Araripe iniciou seu texto assegurando-lhe respaldo científico ao deixar claro, e a estatística pluviométrica apresentada exemplifica isso, que pautou seus argumentos em estudos sobre a região. Nesse contexto, o autor reúne os elementos água e solo, com suas características de abundância e fertilidade, em defesa da agricultura como a essência da economia do Cariri. Além dessas condições ambientais, citou o “clima ameno” como “indicado para a exploração agrícola de frutas” e verduras “as mais variadas”, acrescentando, ainda, que “até mesmo o café ali viceja em muitos sítios, frutificando há dezenas de anos”. Em função dessas particularidades, afirmou serem as terras caririenses “apropriadas a irrigação e cultivo intensivo”, reclamando dos poderes públicos medidas nesse sentido. A esses indicativos naturais das potencialidades agrícolas do Cariri, o autor incluiu outro de caráter cultural e histórico: “a tradição dos moradores da região, dedicados em sua grande parte ao trabalho agrícola e vocacionada para essa atividade.”<sup>XIV</sup> As discussões e propostas de ação no âmbito econômico priorizaram, portanto, a recuperação do setor agrícola a partir da sugestão de duas medidas principais: mecanização da agricultura e abandono da monocultura da cana-de-açúcar. Aos poucos avançou também, embora com algumas resistências, a defesa da diversificação da produção rural com incentivos à pecuária.<sup>XV</sup>

A semana que passou foi pródiga em movimentos em torno da remodelação da lavoura nestas plagas sul-cearense. O assunto mais ventilado em todas as rodas foi a agricultura [...]. No Instituto Cultural do Cariri realizou-se uma mesa redonda presidida pelo prof. Francisco Alves de Andrade, na qual foram discutidas todas as questões básicas da região em termos bem realistas. A cultura canavieira, sua substituição, a Escola Agrotécnica do Crato e Centro de Tratoristas, o Colégio Agrícola do Crato, a conservação da Floresta Nacional do Araripe, a mudança do Dia da Árvore para o mês chuvoso de março e a educação agropecuária foram, naquela ocasião, focalizados com maestria incomparável. A Rádio Educadora do Cariri, que está na vanguarda de todos os acontecimentos úteis, transmitiu aquela reunião para o público no dia 2 de dezembro.<sup>XVI</sup>

Reafirmava-se, portanto, a importância das atividades agrárias, em especial a agricultura, como o caminho para a recuperação e crescimento econômico da região. Mas um agrário, claro, que deveria ser transformado pelas técnicas modernas de produção. Acreditava-se, dessa maneira, que o Cariri retomaria um período de prosperidade outrora perdido, em que a Chapada do Araripe e os vales que se estendem ao seu sopé se tornariam, com financiamento e orientação técnica adequada, em fatores seguros de desenvolvimento econômico, fazendo a região manter-se em sua “função natural” de “celeiro” ou “empório do sertão”.

Nesse aspecto, buscava-se junto aos governos a construção de reservatórios para armazenar água e de um sistema de canais de irrigação que a levaria às plantações,

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

substituindo, assim, as “tradicionais levadas” – que faziam o líquido ser muito desperdiçado ao longo do trajeto entre as nascentes e o plantio. No que se refere à Chapada do Araripe, a construção de barreiros em seu topo para reter água das chuvas era a principal reivindicação, pois, como acentuou J. Lindemberg de Aquino, ele se constituía num “imenso manancial, digno de melhor aproveitamento, para produzir, na parte agrícola e na pecuária, bens de consumo e aumentar a arrecadação do estado. Entretanto, para o planalto araripano jamais se voltaram as vistas das autoridades, num abandono significativo e de profunda e negativa ressonância.”<sup>XVII</sup>

Todas essas demandas eram renovadas a cada chegada de novo governo ao poder e sustentadas, inclusive, pelo argumento de que tais investimentos serviriam não apenas ao Cariri, mas beneficiariam também as regiões circunvizinhas. Nesse caso, acionava-se as tradicionais imagens de “celeiro”, “refrigério” contra a seca e sua posição geográfica, “coração do Nordeste”, como estratégia política de persuasão atualizando, ao final das contas, as representações de “oásis” e “Canaã cearense” – em algumas situações, até mesmo quando eram recusadas, a exemplo de Martins Filho que, ao longo de seu texto, utilizou-se das imagens de oásis e paraíso terreal para representar o Cariri mas que, ao concluí-lo, contraditoriamente disse que:

no ligeiro estudo aqui esboçado, em que tentamos descrever a região sul-cearense, tivemos a preocupação única de salientar os seus aspectos mais atraentes e positivos *sem pretendemos assegurar, no entanto, que o Cariri seja uma Terra da Promissão, ou mesmo um oásis*, tal como, por volta de 1861, procurou definir Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em seu “Dicionário Topográfico e Estatístico da Província do Ceará”. Naturalmente, existem ali inúmeros problemas que se apresentam sob as mais variadas modalidades e que continuam a reclamar as atenções dos poderes públicos. [...] Lembremo-nos de que o Cariri - *um dos rincões mais férteis do Brasil* – é o nosso potencial por excelência, de cujo aproveitamento dependerá, em grande parte, a consolidação da economia do Ceará.<sup>XVIII</sup>

Tal cautela, ou aparente negativa na utilização dessas imagens, pode ser entendida como recurso para convencer os órgãos do governo encarregados das políticas desenvolvimentistas e de combate contra as secas da necessidade de atendimento às reivindicações da região. Antes indiretamente acometida pelos efeitos das estiagens, o que já constituía motivo para pleitear investimentos para o sul cearense, a constante elasticidade de suas fronteiras físico-administrativas entre os anos 1950 e 1970, trazendo o sertão para dentro do Cariri<sup>XIX</sup>, fortaleceu os discursos e ações nesse sentido, provocando, ao mesmo tempo, a situação conflitante de representar o Cariri como verde e fértil e assumir sua condição de pertencer ao “coração do polígono das secas”.<sup>XX</sup>

O Cariri esteve sempre excluído das providências relativas ao combate aos efeitos das secas. Não foi incluído no programa rodoviário, manteve-se fora das cogitações em matéria de açudagem, nunca se cuidou do racional aproveitamento das fontes perenes, das terras úmidas, dos extensos e fertilíssimos baixios que possui. A serra do Araripe, com a sua manifesta capacidade de grande centro de produção agrícola e pastoril, continua desafiando as atividades oficiais para atingir os objetivos a que se presta. Se a região em parte tem a sua produção garantida, mesmo quando ocorrem as secas, logo concluíam os técnicos da administração pública que deveria ser excluída da área onde seriam empregados os recursos destinados às obras e serviços do respectivo combate. As terras beneficiadas com a irrigação das águas das fontes – mesmo porque aquela se realiza, como vimos, por processo rotineiro -, representam



INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

parcela reduzida do território da região. Fora do raio de ação das ditas águas, isto é, dos pés-de-serra e brejos, o território caririense sofre os efeitos da calamidade climatérica em todo o seu rigor.<sup>XXI</sup>

À medida que a região tinha seus limites físicos ampliados em direção ao norte e oeste do estado, distanciando-se, gradativamente, dos sopés da Chapada do Araripe e de seus vales, as consequências diretas da seca passaram a fazer parte da realidade caririense e incorporadas, com maior intensidade, nas décadas de 1960 e 1970, aos esforços políticos por recursos governamentais destinados às áreas castigadas pelas estiagens. A queixa de Antônio de Alencar Araripe, reproduzida acima, foi então repetida e reforçada por outros membros do ICC, como o fez José de Figueiredo Filho:

no Cariri não há somente zona irrigável. E trechos de terras enormes necessitam de açudagem, poços profundos, barragens subterrâneas e outros meios de fixação do homem ao solo através da água permanente. Entretanto, a região é quase totalmente isolada de trabalhos do Departamento Federal de Obras Contra a Seca. O flagelo nos veio dos tempos imemoriais. Só a técnica moderna conseguirá dominá-lo ou atenuá-lo [...].<sup>XXII</sup>

No jornal *A Ação*, ao rebater o comentário que teria feito o governador do Ceará de que o Crato não precisava de auxílio por ter ele desembarcado “debaixo de copiosa chuva”, afirmou que:

o inverno foi tão ruim no Ceará e Cariri que tudo que é normalmente produzido em seu solo está sendo importado de São Paulo. Arroz, frutas, feijão chegam do Sul, desfalcando-nos as poucas economias. A própria classe média debilita-se dia-a-dia. No Cariri, como asseverei em crônica anterior, a pobreza sente fome [...]. Ao comércio e à agricultura cortaram-lhe o crédito na hora mais amarga [...].<sup>XXIII</sup>

Ante um quadro de crise econômica, representantes da elite intelectual, política e econômica da região, reunidos no ICC, procuravam encontrar lugar para o Cariri nos programas governamentais voltados ao combate contra o subdesenvolvimento e a seca no Nordeste. Nesse sentido, apresentar e sugerir-lo como região prioritária tornou-se recurso importante na luta pela recuperação econômica da região e de suas elites, como exemplificam as citações de Antônio de Alencar Araripe e José de Figueiredo Filho. Tarefa dificultada por sua própria condição ambiental, motivo de orgulho e de atitudes ufanistas e identitárias.

Assumir a ideia do Cariri como pertencente à zona do polígono das secas, portanto, candidato aos recursos dos poderes públicos para dinamizar sua vida econômica e social, se processou justamente em função de suas potencialidades naturais. À apresentação e discussão dos problemas enfrentados por conta das estiagens, em que se agregou os relacionados à precariedade de sua infraestrutura, ao arcaísmo das técnicas de plantio e da crise canavieira, contrastava-se a exuberância da natureza e a fertilidade do solo caririense – fazendo lembrar uma frase de 1948 de ser o Cariri uma “região suntuosamente protegida pela natureza”, mas “miseravelmente abandonada pelos homens”.<sup>XXIV</sup> O realce de suas peculiaridades ambientais, no contexto das políticas de “combate ao secular flagelo”, dessa forma, provocou a revalorização da região a partir, especialmente, do acionamento e ressignificação de imagens e percepções herdadas acerca de sua natureza, o que constituiu, tomando de empréstimos as palavras de Cunha, “ingrediente importante para a reapresentação e reposição do Cariri como

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

oásis, região prioritária – não periférica, detentora de vantagens e potencialidades diferentes de outros espaços do Ceará e do Nordeste.”<sup>XXV</sup>

O documento elaborado pela Comissão Técnica de Planejamento Urbano para o “II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará”, em ponto sobre a “vocação urbana e polarizadora” do Cariri, exemplifica bem o predomínio de determinadas formas de apreensão da região como capital simbólico para requisicão de recursos e implantação de projetos destinados ao combate das crises climáticas na área do polígono das secas:

*a prevalência do Cariri em rela o   vasta zona semiárida que o circunda para reter e suportar maior concentra o demográfica reside no fato de possuir “solos profundos” retentores de grandes reservatórios subterrâneos de água potável, que o sertão periférico, mais  rido e mais desnudo e mais vulnerável aos efeitos climáticos das secas peridicas não possui. Por isso, o Cariri tem sido cognominado o oásis da zona semiárida do Nordeste.* Nos tempos remotos, quando os sertões circunvizinhos eram totalmente destituídos de barragens e  cudes, nos perodos de seca para aqui vinham seus habitantes. Muitos ficavam e se estabeleciam, da  ter formado aqui um maior contingente humano e uma maior concentra o de capital e a região, aos poucos, foi-se tornando um polo de atra o comercial de expressivo raio de a o.<sup>XXVI</sup>

O item “COMO VER”, do mesmo relatório, mais que sintetizar as se es anteriores,   expressivo da forma como imaginavam e representavam a região e de como desejavam que ela fosse (re)conhecida enquanto potencial para manter-se, como desde “tempos remotos”, “refrigério” e “reden o dos sertões” semiáridos:

*como vimos, o Cariri pelas suas terras agricultáveis, pelo seu clima, por sua posi o geográfica, por sua a o urbano-polarizadora secularmente definida na expressiva área nordestina, enfim, por todo um cotejo que envolve grandes potencialidades, poderá se transformar num expressivo polo de crescimento ou de desenvolvimento, dependendo da a o dos seus filhos, habitantes, lutando sempre pelo melhor aproveitamento dos seus recursos, da a o do Governo através do planejamento adequado às suas realidades, voltado não para uma a o acanhada, med cre e imediatista, mas para um largo plano de realiza es inspirado na previsão e na visão amplificada do futuro.*<sup>XXVII</sup>

As “grandes potencialidades” que assegurariam o futuro promissor do sul cearense estariam, especialmente, na explora o de seus recursos naturais, entre eles, seu solo, clima e presença de água favoráveis às atividades do setor primário – predominantemente, a agricultura. Por isso, e através de diversos mecanismos de participa o nos debates sobre os “problemas do Cariri”, reafirmava-se fortemente que o soerguimento desse “pedaço dadivoso da terra nordestina”<sup>XXVIII</sup> seria possível a partir da modifica o e dinamiza o de sua estrutura agrícola. Preconizava-se mesmo a necessidade de uma “revolu o agrícola no Cariri”.<sup>XXIX</sup> Com o fracasso do Plano Asimow, os esforços voltaram-se, primordialmente, para a recupera o das atividades consideradas histórica e, tradicionalmente, características da região, fazendo alguns defenderem, inclusive, a ideia de “voca o agrícola” do Cariri<sup>XXX</sup>, ou de “região essencialmente agrícola”, inscrita em sua “natureza exuberante e pródiga” – qualificativos costumeiramente repetidos.<sup>XXXI</sup> Vale ressaltar, nesse aspecto, que a confec o de artigos, inventários, relatórios, projetos econ micos e políticos produzidos com esse fim costumavam ser orientados por referências históricas   tradi o e ao desenvolvimento da

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

cultura agrícola – base importante, como diziam os historiadores do ICC, da civilização caririense.

### Considerações finais

O levantamento das “potencialidades econômicas” do Cariri e as reivindicações junto aos governos por recursos destinados às áreas do polígono das secas, como pôde ser percebido nos autores citados, articulavam um conjunto de medidas que priorizavam a reestruturação econômica das atividades rurais e novas relações com a natureza. Com isso, é possível pensar que, no horizonte de expectativas dos membros do ICC, a correspondência estabelecida entre reorganização da vida agrária, especialmente a agrícola, com o destino da região indica a predominância que os valores e códigos do mundo rural ainda exerciam sobre eles. Da mesma forma, pode-se inferir que o contexto político de reflexões sobre a estagnação econômica da região, em que se projetava um futuro alicerçado em sua natureza, destacando-a sempre como potencialidade econômica, criou condições favoráveis para a invenção e fixação de uma paisagem-oásis e paraíso terreal enquanto representação identitária do Cariri.

Com relação à última imagem, faz-se necessário deixar claro que, apesar do discurso de terra abençoada e de dádiva de Deus, o progresso científico-tecnológico que alterou o olhar face à natureza, entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX no Brasil, atenuando, significativamente no meio intelectual, a ideia de natureza edênica, orientou também a ressignificação desta representação acerca do Cariri – ou seja, da imagem de uma natureza exuberante e paradisíaca e, por isso, de fecundidade inesgotável porque doada e orquestrada por Deus, para uma natureza ainda exuberante, paradisíaca e presente divino, mas que precisava ser gerida pela ciência através da técnica e da indústria para a promoção do progresso.<sup>XXXII</sup> Como disse Murari, em sua análise sobre aquele período, “não mais se pensava no ‘paraíso terreal’ dos primeiros entusiastas das riquezas naturais do Brasil, mas em um éden construído pela mão do homem, capaz de mesclar natureza e técnica na composição de uma só paisagem”.<sup>XXXIII</sup>

Foge às nossas preocupações aqui precisar essa transição no Cariri, mas é possível inferir, considerando a primeira edição do texto *O Cariri*, de Martins Filho, e do livro *Renovação*, de José de Figueiredo Filho, o primeiro, publicado em 1939, e, o segundo, em 1937, que a defesa que fazem pela mediação entre homem e natureza “por meio da cultura racionalizada” indica que deslocamentos nessa direção alcançavam membros da intelectualidade local. Aos “processos primitivos empregados” nas atividades agropastoris, como o uso do ferro e fogo, havia a necessidade do emprego de métodos racionais no desenvolvimento dessas atividades,<sup>XXXIV</sup> o que seria possível, de acordo com José de Figueiredo Filho, com a educação do povo e a orientação dos agrônomos do Estado – representantes da racionalidade científica.

Como dito páginas atrás, desde fins da década de 1940, a discussão sobre a modernização das práticas agrícolas, que incluía a mecanização e industrialização da agricultura, era pauta dos jornais que circulavam. Dessa maneira, a descrição da natureza foi realizada a partir de um olhar exploratório de suas riquezas com fins à sua adequada apropriação e consumo. Além da Chapada do Araripe, os brejos e vales caririenses também foram submetidos a esse olhar pragmático, em função do qual a agricultura, pelas características do solo, da abundância de água e do clima ameno, era encarada como a principal base de sustentação econômica da região. Modernizá-la abriria espaço, inclusive,



INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

para a industrialização da própria produção agrícola e para o desenvolvimento de outras atividades rurais.

Com uma agricultura próspera e desenvolvida teremos fortalecida nossa principal indústria e outros empreendimentos surgirão como uma decorrência natural, como a usina de açúcar, fábrica de doces e sucos de frutas e tantas outras que na região se implantarão depois de fortalecida sua infraestrutura econômica. [...] A indústria de pasteurização de leite, em fase de implantação, encontrará campo propício, e condições temos para desenvolver no Cariri a criação de gado leiteiro [...]. O gado de corte representa também um forte baluarte na economia regional, e poderá motivar de futuro a instalação de um frigorífico [...].<sup>XXXV</sup>

Embora fosse atribuída ao mundo agrário a centralidade nos projetos de reestruturação econômica da região, a natureza, vista como fonte de riqueza, ofereceria outras potencialidades econômicas:

*da terra brotam todas as riquezas principais dos homens. Dela chega-nos o minério. Nutre a lavoura e a pecuária. A grandeza de Deus doou-nos o solo, âmago do globo e o ar que o envolve [...]. A sabedoria do homem, dádiva também do criador, precisa domar a natureza a fim de regularizar suas riquezas. Há outros recursos que são ofertados do engenho humano, em zonas privilegiadas. No Cariri existe trecho de terra que é dos mananciais mais poderosos de argila para cerâmica industrializada de todo o norte brasileiro. Já começou a despertar a atenção dos industriais. [...] A terra não nega recursos ao homem que a trata com carinho e com trabalho. Mesmo quando não recebe água dos céus para a lavoura, pode ser trabalhada com fogo e pressão e oferecer das mais preciosas peças de cerâmica do Brasil. [...] O homem, após tanto sofrimento, não pode abandonar a terra que lhe dá tudo de uma forma ou de outra.*<sup>XXXVI</sup>

Não se tratava, portanto, apenas de realizar um inventário ufanista da variedade e da opulência da natureza caririense. Tratava-se também de sua incorporação aos projetos de “alevamento material” da região, como propugnava os estatutos do ICC. Tratava-se, nesse sentido, da transformação de uma realidade econômica e social a partir de sua submissão ao racionalismo científico-tecnológico, em que se esperava tanto o revigoramento de sua principal atividade agrária quanto sua conversão em outras fontes de riqueza.

## Notas

<sup>I</sup> Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). Doutora em História pela UFRGS. Este texto é uma adaptação de um dos tópicos do último capítulo da Tese de Doutorado, intitulada: Um “oásis” chamado Cariri: Instituto Cultural do Cariri, natureza, paisagem e construção identitária do sul cearense (1950-1970), defendida por mim, em 2019.

<sup>II</sup> Daqui em diante, será referido apenas como ICC. A agremiação, fundada em 1953, está em funcionamento até hoje, mas seu período de maior efervescência intelectual correspondeu às décadas de 1950 a 1970.

<sup>III</sup> Expressivamente sintetizado na frase “o Cariri é uma região suntuosamente protegida pela natureza e miseravelmente abandonada pelos homens”, que com pequenas variações ressurgia de vez em quando nas décadas pesquisadas. *Ecos da Semana*, 07/09/1948, p.1.

<sup>IV</sup> Frase tomada de empréstimo a SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.78.

<sup>V</sup> FIGUEIREDO FILHO, José de. Lendas do Crato. Lenda da imagem de Nossa Senhora do Belo Amor. In: **Itaytera**, 1979, p.93.

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

<sup>VI</sup> O projeto, que levava o nome de seu idealizador, propunha desenvolver a região a partir da implantação de pequenas indústrias. Para maiores informações sobre a transferência da energia de Paulo Afonso para o Cariri e a instalação do Projeto Morris Asimow, consultar: GOMES, Assis Daniel. “**Faça-se luz**”. **A eletrificação urbana no Cariri cearense (1949-1972)**. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2016.

<sup>VII</sup> FIGUEIREDO FILHO, José de. Da terra nos vem a riqueza. In: **A Ação**, 18/07/1970, p.7.

<sup>VIII</sup> F. S. Nascimento. A Agricultura no Cariri. In: **A Classe**. Crato, 09/10/1949, p.1.

<sup>IX</sup> **II Seminário** para o Desenvolvimento do Sul do Ceará. Trabalho da Comissão Técnica para Desenvolvimento Urbano. Crato, 1976. Consultar também o jornal **A Ação** de 08/05/1976, p. 5. O documento final do seminário foi entregue ao então governador do Ceará, Adauto Bezerra. **O I Seminário** para o Desenvolvimento do Sul do Ceará ocorreu em 1961. No que se refere aos seminários de “Estudos Caririenses”, consultar: “Primeiro Seminário de Estudos Caririenses”. In: **A Ação**, 15/05/1965, p.6; “Coroado de êxito o II Seminário de Estudos Caririenses”. In: **A Ação**, 28/11/1965, p.3.

<sup>X</sup> ARARIPE, Antônio de Alencar. Desenvolvimento econômico do sul do Ceará. In: **A Ação**, 08/05/1976, p. 5. Na data do I Seminário, ele se encontrava na presidência do Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

<sup>XI</sup> Cf: GOMES, Assis Daniel. “**Faça-se luz**”... Op. cit.

<sup>XII</sup> Expressão tomada de empréstimo a FIGUEIREDO FILHO, José de. Da terra nos vem a riqueza. In: **A Ação**, 18/07/1970, p.7. O texto também foi publicado na revista **Itaytera** de 1970, p.126-127.

<sup>XIII</sup> ARARIPE, Jósio de Alencar. Potencialidade econômica do Cariri. In: **Itaytera**, 1974, p.175-176. A matéria foi publicada também no jornal **A Ação** de 20/07/1974, p.2. Grifos meus.

<sup>XIV</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>XV</sup> A resistência parecia girar em torno do lugar que deveria ocupar a pecuária na economia local, pois, se para alguns, ela poderia suplantiar a agricultura, para outros, esta não deveria perder sua posição de liderança na economia regional. Consultar, por exemplo: AQUINO, J. Lindemberg de. Exposição Centro-Nordestina. In: **A Ação**, 03/05/1969, p.6; FIGUEIREDO FILHO, José de. A rapadura vincula-se à tradição do Cariri cearense. In: [Revista] **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, n.1, 1968 [janeiro], p.27-30. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534\\_1968\\_00071.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1968_00071.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2018. Grifos meus.

<sup>XVI</sup> FIGUEIREDO FILHO, José de. O Cariri quer mudar sua estrutura agrícola. In: **A Ação**, 12/12/1965, p.2.

<sup>XVII</sup> AQUINO, J. Lindemberg de. Cariri sob diversos aspectos. In: **Itaytera**, 1971, p.89. Consultar também: COELHO, Antônio C. Possibilidades econômicas da região. In: **Itaytera**, 1958, p.95-98; NASCIMENTO, F. S. Um capítulo do devassamento do Cariri. In: **Itaytera**, 1959, p.31-33; ARARIPE, Antônio de Alencar. Possibilidades econômicas do Cariri. In: **Itaytera**, 1959, p.151-157; \_\_\_\_\_. Vales do sul do estado e a Serra do Araripe. Plano de ação para seu aproveitamento. In: **Itaytera**, 1971, p.185-194; \_\_\_\_\_. Revolução agrícola no Cariri. In: **A Ação**, 17/03/1973, p.6; \_\_\_\_\_. Desenvolvimento econômico do Sul do Ceará. In: **A Ação**, 05/05/1976, p.5; ARARIPE, Jósio de Alencar. Potencialidade econômica do Cariri. In: **Itaytera**, 1974, p.175-176; Deputado Kleber Callou está interessado pelo desenvolvimento da Serra do Araripe. In: **A Ação**, 27/06/1970, p.6 (sem autoria). Em função da porosidade de seu solo, a escassez de água no topo da Chapada do Araripe era o principal problema a ser resolvido.

<sup>XVIII</sup> MARTINS FILHO, Antônio. O Cariri. In: \_\_\_\_\_.; GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 3ed., p.101-109, 1966. Grifos meus.

<sup>XIX</sup> A ampliação das fronteiras administrativas da região gerou, inclusive, situações inusitadas como a registrada pelo jornal **A Ação**: “A Rua Sagrada Família, ao sopé do Morro do Seminário [Crato], foi vítima de grande calamidade provocadas pelas chuvas desta semana, num verdadeiro contraste, quando estamos em plena seca. Muros caídos, casas soterradas e famílias em desespero foi o saldo deixado pelas águas que desceram do Bairro do Seminário [...]” Contrastes da vida: em plena seca, chuva provoca calamidades! In: **A Ação**, 10/10/1970, p.1. Grifos meus. Na mesma edição, o jornal publica matéria com a seguinte manchete: “Gravidade da seca aumenta êxodo de caririenses em demanda do Sul”. Idem, p. 6 e 7. Enquanto isso, algumas das cidades sul cearenses buscavam junto ao governo a abertura de frentes de trabalho para minimizar os efeitos da seca. Consultar: “Engenheiros e técnicos da SUDENE estudam possibilidades de novas frentes de trabalho. In: **A Ação**, 25/07/1970, p.7.

<sup>XX</sup> FIGUEIREDO FILHO, José de. Cariri, Nordeste e Universidade. In: **Itaytera**, 1970, p.198.

<sup>XXI</sup> ARARIPE, Antônio de Alencar. **Possibilidades econômicas**... Op. cit., p.156.

<sup>XXII</sup> FIGUEIREDO FILHO, José de. **História do Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, v.3, 2010 [fac-símile da edição de 1966], p.121.

<sup>XXIII</sup> FIGUEIREDO FILHO, José de. Fome no Cariri e no sertão. In: **A Ação**, 27/06/1970, p.3.

<sup>XXIV</sup> Ecos da Semana, 07/09/1948, p.1.

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

<sup>XXV</sup> CUNHA, Maria Soares da. **Pontos de (re)visão e explorações historiográficas da abordagem regional:** exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX). Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em Geografia, 2012, p.206.

<sup>XXVI</sup> “II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará. Trabalho da Comissão Técnica de Planejamento Urbano”, p.4. Grifos meus.

<sup>XXVII</sup> Idem, p.6. Grifos meus.

<sup>XXVIII</sup> FIGUEIREDO FILHO, José de. A cidade de CRATO, Ceará, no desenvolvimento da Zona Caririense. In: **Itaytera**, 1974, p.96. Com pequenas variações, o enunciado foi repetido em outros textos - como o escrito para a Revista de História da USP: “Pouca gente tem escrito tanto quanto eu em jornais, revistas e livros em torno deste *dadivoso pedaço de terra do sul cearense* [...]”. \_\_\_\_\_ . História regional como parte integrante do ensino universitário. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, v.36, n.74, 1968, p.1. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127399/124570>>. Acesso em: 14.abr.2017; e para o livro **Engenhos de rapadura no Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1958], p.17.

<sup>XXIX</sup> “Em trabalho divulgado nos últimos dias de dezembro de [19]69, pela imprensa do Sul do país, consta a afirmativa do titular da pasta da fazenda sobre o fato de o Presidente da República nutrir a profunda convicção de que é necessário realizar a revolução agrícola para incorporar os dois terços da população brasileira que vive no campo. Localizando-se no sul do Ceará, suas melhores terras planas, profundas e de aluvião – providas à farta de água das fontes e vasto lençol freático, está visto ser naquela zona que entre nós se encontra a área prioritária destinada ao revolucionamento das atividades agrícolas, como suporte e demanda da indústria, por que em boa hora propugna o chefe da Nação”. Embora fosse uma “área tão privilegiada de recursos naturais”, a utilização de técnicas agrícolas seculares fazia decrescer a produção. Por isso, “o natural centro abastecedor de cereais, frutas e verduras dos sertões circunvizinhos passou a ser mero consumidor, entre outros artigos, do arroz do Maranhão, das laranjas da Bahia e de Sergipe, do abacate e outras frutas e verduras de S. Paulo e Caruaru, em Pernambuco. À medida que ali se eleva o consumo, com o aumento vertiginoso do número de habitantes, decresce a produção. Como se pôr termo a esse manifesto empobrecimento da região?” A resposta era a que se repetia anos seguidos: açudagem e implantação de modernas técnicas agrícolas. ARARIPE, Antônio de Alencar. *Revolução Agrícola no Cariri*. In: **Ação**, 17/03/1973, p.6. O texto foi publicado primeiramente no jornal *O Povo de Fortaleza* em 20/02/1973, conforme informação presente ao final do artigo.

<sup>XXX</sup> Ver, por exemplo: ARARIPE, Jósio de Alencar. **Potencialidade Econômica do Cariri**. Op. cit.; ARARIPE, Antônio de Alencar. **Desenvolvimento econômico do Sul do Ceará**. Op. cit.

<sup>XXXI</sup> Vale trazer para cá a frase de abertura do sétimo capítulo do livro *O Cariri*, que com algumas variações foi repetida por outros autores: “A fertilidade do solo do Cariri e suas águas perenes o fadaram à agricultura”. PINHEIRO, Irineu. **O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009. [fac-símile da edição de 1950], p.45.

<sup>XXXII</sup> Cf. ARAÚJO, Hermetes Reis de. Da mecânica ao motor. A ideia de natureza no Brasil no final do século XIX. In: **Projeto História**, São Paulo, n.23, nov. 2001, p.151-167, ARRUDA, Gilmar. Representações da natureza: história, identidade e memória. In: ROLIM, Rivail C.; PELEGRINI, Sandra A.; DIAS, Reginaldo. **História, Espaço e Meio Ambiente**. Maringá: ANPUH-PR, 2000, p. 43-65; MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Alameda, 2009; SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão...** Op. cit.

<sup>XXXIII</sup> MURARI, Luciana. **Natureza e cultura ...** Op. cit.

<sup>XXXIV</sup> MARTINS FILHO, Antônio. **O Cariri**. Op. cit.; FIGUEIREDO FILHO, José de. **Renovação**. São Paulo: Livraria Editora Odeon, 1937. As primeiras aspas do parágrafo correspondem a trecho retirado do texto de Martins Filho, p.246, as segundas, ao livro de Figueiredo Filho, p.79. Em capítulo que tem por cenário a Chapada do Araripe, Figueiredo Filho ressaltou em “Renovação” que: “*Todos os métodos agrícolas são os mais rudimentares possíveis. A terra é esgotada – à maneira brasileira. O sistema é passar para a frente. Fica o carrasco quase improdutivo, mal dando para criar o pasto. A terra é a mãe carinhosa, porém, só recebe em paga desleixos e maltratos. As matas foram quase todas devastadas pelas coivaras e pelo machado [...]. Antigamente, o chapadão era uma floresta só. O homem lentamente o devastou em proveito próprio e em troca nunca deixou qualquer benefício. As fontes naturais da riqueza, se fossem cuidadosamente aproveitadas, dariam resultados surpreendentes*. Idem, p.79-80. Grifos meus. O livro “Renovação”, prefaciado por Gustavo Barroso, foi publicado como “romance de aspectos sociais do Nordeste brasileiro”. Sua narrativa tem como fio condutor o tema da seca e imigração contada a partir da saga de uma família que deixa sua casa em direção ao Cariri fugindo das consequências da estiagem. O livro combina ficção com, nas palavras do próprio autor, “observação exata” da realidade sertaneja e caririense – especialmente das cidades de Juazeiro do Norte e Crato.

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, NATUREZA E POTENCIALIDADE ECONÔMICAS DO  
SUL CEARENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1950-1970

SEMEÃO, J.

---

<sup>XXXV</sup> ARARIPE, Jósio de Alencar. **Potencialidade econômica do Cariri**. Op. cit.

<sup>XXXVI</sup> FIGUEIREDO FILHO, José de. Da terra nos vem a riqueza. In: **A Ação**, 18/07/1970, p.7. O mesmo texto encontra-se na revista Itaytera de 1970, p.126-127. Grifos meus. Além da argila, outros recursos minerais foram apontados como passíveis de exploração, como a gipsita, o xisto betuminoso e o cobre. Ver, por exemplo: ARARIPE, Antônio de Alencar. **Desenvolvimento econômico do Sul do Ceará**. Op. cit.; sem autoria: O Cariri é rico: falta explorar recursos. In: **A Ação**, 16/09/1967, p.7.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Da mecânica ao motor: a ideia de natureza no Brasil no final do século XIX. In: **Projeto História**, São Paulo, n.23, nov. 2001, p.151-167.

ARRUDA, Gilmar. Representações da natureza: história, identidade e memória. In: ROLIM, Rivail C.; PELEGRINI, Sandra A.; DIAS, Reginaldo. **História, Espaço e Meio Ambiente**. Maringá: ANPUH-PR, 2000, p. 43-65.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.13, n.38, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004)>. Acesso em: 01 jun. 2016.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CUNHA, Maria Soares da. **Pontos de (re)visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)**. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em Geografia, 2012.

DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Assis Daniel. **“Faça-se luz”. A eletrificação urbana no Cariri cearense (1949-1972)**. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2016.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Alameda, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.